



SEÇÃO: ARTIGOS

As relações de poder entre professor e aluno em sala de aula

The power relations between teacher and student in the classroom

Stéphane Figueiredo

Ferreira¹

orcid.org/0000-0002-6304-8066

steph.figueiredo.f@gmail.com

Maria Odette de Pauli

Bettega²

in memoriam

Recebido em: 29/07/2019.

Aprovado em: 13/09/2021.

Publicado em: 25/10/2022.

Resumo: O presente artigo teve como objetivo compreender como se constituem as relações de poder entre professor e aluno em sala de aula nos últimos dez anos. A pesquisa transpassa o conceito de autoridade, de poder e sua influência nas organizações. O recorte histórico leva em consideração algumas mudanças na sociedade, como o avanço tecnológico, a violência nas escolas, a constituição da família e as relações de trabalho, com base em referenciais teóricos como: Bauman (2013); Cortella (2000), Castells (2016), Foucault (1987), Furlani (2004), dentre outros autores e dados de institutos de pesquisa. Com abordagem quali-quantitativa, a coleta de dados foi realizada por meio de questionário online, criado a partir da ferramenta Formulários Google e enviado através da rede social Facebook e do aplicativo de mensagens WhatsApp, no período de 15 de outubro a 27 de novembro de 2018. Foram 18 perguntas, sendo que quatro eram fechadas e 14 abertas, com obtenção de 50 respostas. Do total, 44% dos entrevistados eram do Espírito Santo, mas há dados de outros estados da região sudeste, norte e sul do país. A análise dos questionários apontou que mudanças ao longo de dez anos incidiram sobre a escola. O acesso à informação por meio da internet e das redes sociais, a mudança estrutural nas famílias e questões relacionadas ao trabalho puderam ser observadas claramente nas respostas.

Palavras-chave: relações de poder; autoridade; professor; aluno; família.

Abstract: This article aims to understand how the teacher-student power relations in the classroom has been constituted in the last ten years. The research runs through the concept of authority, power, and influence in their organizations. The historical part considers some changes in the society such as the advance of technology, the violence in schools, the family constitution and the work relations, based on theoretical references such as: Bauman (2013); Cortella (2000), Castells (2016), Foucault (1987), Furlani (2004), among other authors and data from the research institutes. In order to get better results, an online survey using the Google forms tool was applied for the quali-quantitative approach. The database was applied in 2018, from October 15th to November 27th and consisted of 18 questions, four open to long answers and 14 with options. 50 people participated in this research. Out of the 50 participants, 44% were from Espírito Santo, but some other states from the Southeast, North and South regions participated too. The analyses showed that some changes in the last ten years affect the education. The access to information through the internet and social media, the family structure and work matters could be easily seen in the answers.

Keywords: power relations; authority; teacher; student; family.

Introdução

No passado, o professor era detentor absoluto do saber e do poder, logo autoridade máxima em sala de aula. A indisciplina era corrigida com rigidez e permitia até punições físicas, como a palmatória. Com o passar do tempo, já no século XX, esse tipo de punição foi perdendo força – apesar de ainda acontecer –, mas, com menos veemência, e foi



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Campus de Goiabeiras, Vitória, ES, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Campus Prado Velho, Curitiba, PR, Brasil.

dando lugar a castigos morais, como ficar de pé por longo período, privação do horário de intervalo ou repetir frases de cunho moral. Mas, de acordo com Foucault (1987), antes de aplicar as punições, consequências do poder disciplinador, o professor deve procurar a recompensa, ganhando o coração do aluno (FOUCAULT, 1987). Na atualidade, os alunos não se comportam mais como antigamente e o controle dentro e fora da sala de aula é difícil. "A verdade é que a sociedade mudou, a família mudou e o aluno também mudou, mas a escola continua com seus modelos disciplinares de décadas atrás" (BETCHER, 2018, p. 4).

Independente da postura do professor, há casos de indisciplina que extrapolam as brincadeiras, a ausência de participação das atividades e a provocação (FURLANI, 2004). São situações que geram violência e colocam o Brasil em posição desfavorável, pois, de acordo com o levantamento de 2013 da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), "12,5% dos professores ouvidos no Brasil disseram serem vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos pelo menos uma vez por semana" (TENENTE; FAJARDO, [2017]). Assim, muitos profissionais ficam temerosos pela própria vida e acabam abandonando a sala de aula. Outros, porém, permanecem no exercício da profissão e tentam se recriar e lidar com os desafios diários.

As relações de poder estão se modificando e a tecnologia é um dos fatores dessa mudança. Segundo Toffler (1998), há uma desintegração do estilo de poder antigo que atinge estruturas empresariais até salas de aula. Por isso, pensar em um ambiente democrático e criativo no espaço escolar pode ser um caminho para o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos, bem como constituir relações harmoniosas entre eles e o professor.

Desta forma, o presente artigo buscou compreender como se constituem as relações de poder entre professor e aluno na sala de aula nos últimos dez anos. Foi necessário, portanto, identificar conceitos sobre autoridade, poder e sua

influência nas organizações. O período delimitado considera algumas mudanças na sociedade como o avanço tecnológico, a violência nas escolas, a constituição da família e as relações de trabalho, com base em referenciais teóricos como: Bauman (2013); Cortella (2000), Castells (2016), Foucault (1987), Furlani (2004), dentre outros autores e dados de institutos de pesquisa divulgados na grande mídia. Com abordagem quali-quantitativa, a coleta de dados foi realizada por meio de questionário online, criado a partir da ferramenta Formulários Google e enviado através da rede social Facebook e do aplicativo de mensagens WhatsApp, no período de 15 de outubro a 27 de novembro de 2018. Foram 18 perguntas, sendo quatro fechadas e 14 abertas, com obtenção de 50 respostas. Do total, 44% dos entrevistados eram do Espírito Santo, mas há dados de outros estados da região sudeste, norte e sul do país.

O presente artigo não tem a pretensão de analisar todos os fatores sociais que possam ter influenciado nas relações de poder entre professor e aluno em sala de aula nos últimos dez anos, mas é importante fazer reflexões sobre alguns aspectos, mesmo de forma pouco profunda e que fazem parte das mudanças na última década, como a tecnologia, a violência nas escolas, a família e as relações de trabalho.

Relações de poder e autoridade

O poder se estabelece por meio de relações sociais e está presente nos lares, nas igrejas, nas escolas, nos governos e em todas as esferas sociais, pois sempre há quem exerce o poder e aquele sobre qual o poder é exercido. Em cada contexto, há formas diversas de representação, por exemplo, o discurso. Para Foucault (2017, p. 274) o poder "se exerce" e "só existe em ação"; mais do que "manutenção e reprodução das relações econômicas", o poder é "acima de tudo uma relação de força". Segundo Arendt (2007, p. 212), "o poder não pode ser armazenado e mantido em reserva para casos de emergência, como os instrumentos da violência, mas só existe em sua efetivação".

Não há como definir o poder em bom ou mau,

pois quem o exerce tem sua base na influência, nas ideias, no dinheiro ou ainda na força física, mas como ele será direcionado depende de quem o detém, como “[...] quando pais e professores educam crianças, a mídia nos informa, os políticos nos governam, a polícia nos protege e os médicos nos curam – cada um com seus próprios recursos especiais” (VAJ DIJK, 2012, p. 27).

Hoy e Miskel (2015) entendem que quem tem poder, influencia no comportamento de outras pessoas e citam o trabalho de John R. P. French e Bertram H. Ravem (1968), que identificam cinco tipos de poder distribuídos em dois grandes conjuntos de cargos: o organizacional e o pessoal (2015, p. 212):

a) poder recompensador (cargo organizacional): influencia por meio da recompensa do comportamento. Os professores agem de acordo com o que espera o diretor porque acreditam que serão recompensados. Exemplo: bolsas de capacitação. As tentativas de influência devem ser éticas, não podem se caracterizar assédio;

b) poder coercitivo (cargo organizacional): influencia pela punição de comportamentos inadequados. A força depende da gravidade e da probabilidade de a punição não ser evitada. Exemplos: supervisão rigorosa, aplicação mais rígida de regras;

c) poder legítimo (cargo organizacional): influencia pelo cargo formal. O gestor tem autoridade dada pela organização para tomar decisões dentro da área de sua responsabilidade. Exemplo: cobrar que as notas sejam lançadas dentro do prazo. Deve ser obedecida e não tem grandes razões contrárias;

d) poder referente (cargo pessoal): influencia pela simpatia e identificação. O gestor é admirado e respeitado e serve como modelo a ser seguido. A fonte reside na personalidade e na habilidade das relações interpessoais do indivíduo. Exemplo: professor identifica-se com o coordenador e busca seguir o estilo de liderança;

e) poder perito (cargo pessoal): influencia pela habilidade e conhecimento especializado. O referente está ligado às características pessoais e não ao cargo. É um saber legitimado que o subordi-

nado não tem e acredita que o seu subordinador possui. Exemplo: diretores ou professores novatos demonstram suas habilidades e conhecimentos.

A autoridade e a hierarquia andam juntas e estão relacionadas com o poder. Segundo Hoy e Miskel (2015, p. 208), “as relações de autoridade são parte integrante da vida nas escolas”. Para Silva (2001, p. 126), “autoridade e hierarquia são questões sempre presentes nas discussões e conflitos cotidianos da organização escolar”. Em uma organização, a autoridade é proveniente das regras e das posições distribuídas hierarquicamente e seria o poder considerado legítimo (SILVA, 2001). Há assim, uma relação de subordinação do aluno para com o professor e deste para com outras instâncias hierárquicas as quais precisa se submeter.

De acordo com Furlani (2004), quando a autoridade é consequência da posição hierárquica, está respaldada por lei, mas não necessariamente seu portador demonstra qualidades para exercê-la. Quando é baseada na pessoa, leva em consideração a liderança do professor e busca uma sala de aula mais democrática em que as posições dele e do aluno não sejam tão discrepantes, pois seu exercício requer respeito mútuo à diferença. Furlani (2004) faz distinção entre quatro tipos de professor. De forma sucinta, o *professor informador* transmite a informação e o aluno é receptor, passivo e a finalidade é memorizar não estimulando o senso crítico. O *professor didata* ensina e reaprende e busca verificar se o que foi passado foi aprendido ao invés de memorizado; o aluno é ativo e crítico. Já o *professor controlador* valoriza os métodos disciplinares e punitivos, como suspensão, ocorrência, frequência e pontualidade e dá mais atenção para o fracasso do aluno. E o *professor facilitador* valoriza as conquistas dos alunos, proporciona mais liberdade e participação deles, os quais, por sua vez, devem saber respeitar os limites da liberdade em sala de aula, saber questionar e se esforçar para cumprir metas e prazos e auxiliar colegas.

Segundo Hoy e Miskel (2015), há autores que também distinguem autoridade formal de informal. A primeira é baseada no cargo e nas

competências. Quando se entra em um sistema escolar como funcionário ou aluno se aceita a autoridade formal. A segunda é baseada na lealdade e apoio aos colegas. "Com efeito, é a posse das duas autoridades – a formal e a informal – que distingue os líderes formais de autoridades e líderes informais" (HOY; MISKEL, 2015, p. 210).

A tecnologia

Para Castells (2012, p. 287), "a internet é o meio organizativo de nossas sociedades". Sua ascensão e a popularização de redes sociais como Twitter, Orkut, Facebook e do buscador Google, principalmente depois dos anos 2000 e dos *smartphones* depois de 2010, impactaram diretamente na maneira como as pessoas se relacionam. Os alunos, por exemplo, podem confirmar ou confrontar o conteúdo passado pelo professor no mesmo instante em que ele ensina, pois não chegam mais em sala de aula esperando a transmissão de informação inquestionável de alguém que poderia ser caracterizado ora como missionário ora como doutrinador comandado pelas elites (CORTELLA, 2000). Por outro lado, a facilidade e rapidez de encontrar respostas prontas e superficiais (BAUMAN, 2013) não favorecem o aprendizado aprofundado.

A tecnologia pode ser usada em prol da educação, mas esse novo ambiente de informação e conhecimento pode gerar insegurança no professor que precisa considerar uma bagagem de saberes dos alunos e levar em consideração as características sociais e individuais dos mesmos. Segundo Libâneo (2010), em entrevista ao Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (SINPRO-SP), a função específica da escola é ensinar.

[...] e hoje, ensinar significa ajudar os alunos a desenvolverem as suas capacidades intelectuais. A sua capacidade reflexiva em face da complexidade do mundo moderno, em face da influência forte das mídias especialmente da televisão e em face de todo um conjunto de problemas sociais que estão afetando a juventude, a escola precisa manter essa característica de ensinar (LIBÂNEO, [2010]).

O autor aponta para um caminho de mentoria

e de orientação e não de autoritarismo, como no passado. É importante buscar formas de contribuir com o aluno e estar atento às dificuldades que podem se apresentar em formas de indisciplina e, mesmo assim, manter o respeito e a ordem, pois a sala de aula permanece como um espaço de poder.

A família e o trabalho no século XIX

Segundo a Constituição Federal de 1988, a família é a base da sociedade e se constituía pelos laços de consanguinidade. O que antes era uma união aprovada pela sociedade, formalizada pelo Divino e pela justiça, na qual seus autores tinham papéis e responsabilidades claramente definidos, passou por transformações.

No século XX, por volta de 1960, surge, por fim, a família contemporânea ou dita pós-moderna, em que os vínculos fundamentam-se no amor e no prazer e cuja duração é relativa, ou seja, os vínculos duram enquanto durar o amor e o prazer. Conseqüentemente, a transmissão das responsabilidades, valores e da autoridade torna-se complicada. Na medida em que as separações e os divórcios acontecem, abrem-se possibilidades para novas composições familiares (SIMÕES; HASHIMOTO, 2012, p. 2).

O processo de urbanização, industrialização (e pós-industrialização) e ascensão da mulher no mercado de trabalho são fatores que colaboraram para essas alterações. Segundo Castells (2016), há mudanças no mecanismo de trabalho que são crescentes e quem não se adaptar pode ter problemas de colocação do mercado. O autor denomina mão de obra autoprogramável e mão de obra genérica.

A primeira é aquela que tem a capacidade de focar na demanda, usando a informação e o conhecimento para atendê-la. É um processo intelectual e de constante conhecimento que torna o indivíduo empregável. Já a segunda está relacionada com as tarefas manuais que estão cada vez mais sendo substituídas pelas máquinas e obedece a lógica de custo/benefício. É o indivíduo que não se qualifica, não segue as mudanças e sabe desempenhar apenas uma função. Para o autor, essa divisão de trabalho está ligada a força de trabalho feminina. Numa

sociedade ainda considerada como patriarcal que valoriza a divisão de tarefas, as mulheres assumem responsabilidades no seu ambiente de trabalho e acumulam com as tarefas domésticas.

Assim, é preciso ser empregável, pois a estabilidade não se encontra mais no cargo e sim na pessoa. É importante refletir que o mercado exige mais qualificação e que há também nos últimos dez anos uma ascendente falta de emprego, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), a população desocupada (13,4 milhões) cresceu 10,2% (mais 1,2 milhão de pessoas) frente ao trimestre de outubro a dezembro de 2018 (12,2 milhões).³

Há a geração dos jovens que não estudam e nem trabalham, conhecida como 'nem-nem' com razões diferentes para tal situação.⁴ É a escola pública sem qualidade, sem atrativo para eles, a falta de estrutura familiar em classes de baixa renda e a dificuldade de se manter empregado pela baixa qualificação (THIMOTEO, 2013).

Violência nas escolas

A violência é um fato social, portanto está presente em diversas sociedades e pode se manifestar de várias formas que afetam o estado psicológico ou físico da vítima, por exemplo. Para Foucault (2017), a violência é uma das manifestações de poder. O tema pode ser destrinchado pelos campos da sociologia, filosofia e até mesmo psicanálise, pois a violência é histórica.

No âmbito educacional, no Brasil, Paulo e Almeida (2015) trazem no livro *Violência e Escola. Escuta de professores e análise das práticas profissionais de orientação psicanalítica*, um apanhado de pesquisas desenvolvidas no início do século XXI que buscavam compreender o fenômeno da violência em expansão nas escolas, entre elas, a pesquisa realizada em 14 capitais, (incluindo o Espírito Santo), com os resultados reunidos no livro *Violência nas escolas* (2002), de Mirian Abramovay e Maria das Graças Ruas.

De maneira geral, as pesquisas apontavam os argumentos dos profissionais de Educação e dos alunos para determinadas atitudes em sala de aula como agressões verbais e físicas e humilhações que eles disseram ter sofrido (PAULO; ALMEIDA, 2015).

De acordo com a reportagem do site Senado Notícias, pesquisadores apontam o reflexo da violência nas escolas e que é preciso valorizar os profissionais e integrar escola e comunidade para combater a situação. "O aluno não vê sentido em estar ali. Ainda há o descaso dos profissionais da educação [...] O elemento-chave para diminuir a violência contra os professores é a interação com a comunidade, na visão da pesquisadora" (BÖHM, 2017). Em novembro de 2017, 'violência nas escolas públicas' foi o tema de uma audiência pública da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, na qual, especialistas alertaram para o aumento da violência nas escolas (BRASIL, 2017).

Há muitas pesquisas sobre o tema, o que mostra a relevância do assunto para a sociedade. Pode-se considerar ainda que na escola se reproduz os comportamentos sociais exteriores a ela e não bastam ações punitivas para que o ambiente escolar seja saudável bem como as relações de professores e alunos.

Metodologia

Além da pesquisa bibliográfica para a compreensão e desenvolvimento do tema proposto, a coleta de dados foi realizada por meio de um questionário⁵ online, com 18 perguntas, sendo quatro fechadas, que são dicotômicas ou de múltipla escolha (MARCONI; LAKATOS, 2003), e 14 abertas, produzido através da ferramenta Formulário Google e compartilhado na rede social Facebook e no aplicativo de mensagens WhatsApp no perfil particular e em grupos de professores. A pesquisa foi realizada de 15 de outubro a 27 de novembro de 2018 com 50 professores. Esse

³ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24284-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-12-7-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-25-0-no-trimestre-encerrado-em-marco-de-2019>. Acesso em: 12 jun. 2019.

⁴ <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rce/article/view/21249/19997>. Acesso em: 23 out. 2018.

⁵ Questionário do artigo "As relações de poder entre professor e aluno em sala de aula" disponível em: https://drive.google.com/file/d/1owwNjWcDkUnXXTBK_SWY6npqMDvcdrzG/view?usp=sharing. Acesso em: 11 out. 2021.

instrumento de coleta deixa claro o caráter da pesquisa e atenção quanto às respostas e não há auxílio ou a presença do entrevistador (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Os resultados abaixo foram tabulados e representados por tabelas do Excel.⁶ Como as perguntas abertas permitem ao participante usar linguagem própria e expressão da opinião (MARCONI; LAKATOS, 2003), foram selecionadas algumas respostas que chamaram a atenção pela argumentação ou porque se remetem à família, trabalho e tecnologia, temas abordados sucintamente nesse artigo. Para representar visualmente, foram excluídos alguns termos (preposições, artigos, pronomes possessivo e relativo), como: que, o(s), a(s) de, e, se, com, como, é, por, para, pra, pro, no, na(s), pelo(s), pela(s), ou, em, uma(s), um(s), seu(s), sua(s), entre outros, e foi utilizada a nuvem de tags⁷, que facilita a identificação das palavras mais usadas, como: professor, autori-

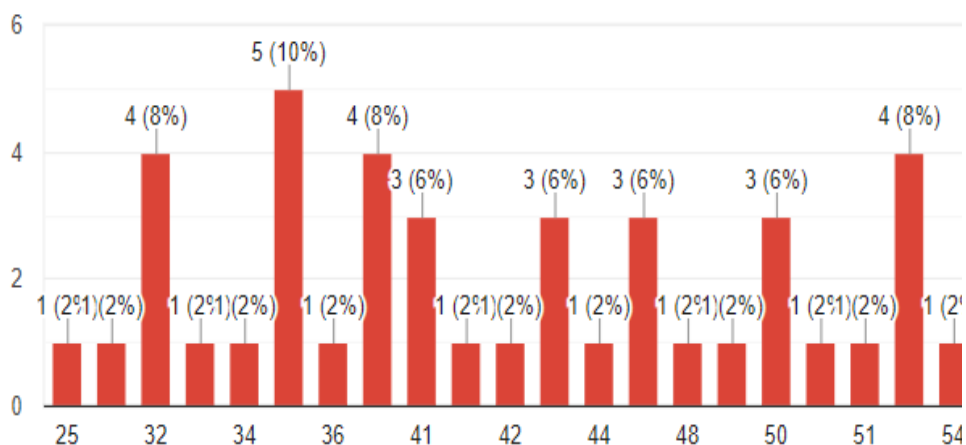
dade, hierarquia, poder, respeito, entre outros.

Resultados

Os participantes do questionário têm entre 25 e 67 anos e são de várias regiões do país: 44% são do Espírito Santo, 14% são de Minas Gerais e 12% do Rio de Janeiro. Da área de formação, 62% são das Ciências Humanas, seguido por 18% das Ciências Exatas, 14% biológicas/saúde e 6% não responderam. Metade dos participantes tem pós-graduação/especialização *lato sensu*, 24% ensino superior completo e 20% têm mestrado.

Desses, a maioria já atuou nos ensinamentos fundamental e médio. Sobre o tempo de atuação em sala de aula, 48% têm até 10 anos de experiência e de 11 a 30 anos, somados são 46%. A região de atuação predominante é o estado do Espírito Santo (49%), seguido do Pará (15%), Minas Gerais (13%) e Rio de Janeiro (9%).

Gráfico 1 – Faixa etária



Fonte: Ferramenta Formulários Google (2019).

TABELA 1 – Área de formação

Opção	Humanas	Exatas	Biológicas/Saúde	N/A	
Frequência	31	9	7	3	50
%	62%	18%	14%	6%	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

⁶ Os principais estão neste artigo.

⁷ 'Nuvem de tags' ou 'nuvem de palavras' apresenta itens de forma hierarquizada visualmente. Site para produzir a nuvem de tags: Voyant Tools, que é um aplicativo para executar a análise de texto.

TABELA 2 – Grau de escolaridade

Opção	Superior Incompleto	Superior Completo	Pós-Graduação/ Especialização	Mestrado	Doutorado/ PhD	Pós-Doutorado	
Frequência	1	12	25	10	1	1	50
%	2%	24%	50%	20%	2%	2%	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

TABELA 3 – Níveis de atuação

Opção	Fundamental	Médio	Técnico	Superior	
%	32,7%	31,7%	17,8%	17,8%	100,0%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

TABELA 4 – Quais Estados já atuou?

Opção	Amazonas	Bahia	Espírito Santo	Minas Gerais	Para	Rio de Janeiro	São Paulo	N/A	
%	4%	2%	49%	13%	15%	9%	4%	4%	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Mais de 85% já atuaram no ensino privado e 68% no ensino público. 58% deles disseram que perceberam diferença entre os dois sistemas de ensino.

TABELA 5 – Atuação no ensino privado e no ensino público. Cite e comente as principais

Atuou no ensino privado?			Atuou no ensino público?		
Sim	44	88%	Sim	34	68%
Não	4	8%	Não	13	26%
Outros	2	4%	Outros	3	6%
	50	100%		50	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Alguns dos fatores que diferenciam os discentes são a abstenção da família na vida escolar e suas questões estruturais, desrespeito com o professor e falta de perspectiva dos alunos da rede pública e visão do docente como empregado no caso dos alunos de escolas particulares (Quadro 1).

QUADRO 1 – Respostas 7, 14 e 32

Número	Trecho da resposta
Resposta 7	<i>Falta de respeito, desinteresse. Muitos alunos seja qualquer tipo de escola estão tendo comportamentos inadequados, além da falta de interesse pelos estudos. Faz muita falta o acompanhamento sistemático dos pais.</i>
Resposta 14	<i>Nas escolas públicas em que trabalhei as crianças passavam por muitas dificuldades em casa, famílias desestruturadas, convívio com pais viciados em bebidas, drogas, famílias de baixa renda. Tudo isso fazia com que o rendimento e a agressividade fosse visível. Exigindo mais atenção, carinho e dinamismo por parte do professor. Na escola particular temos alunos com a família mais presente, mas também deparamos com muitas crianças com laudos de TDAH, pais separados e outros casos que também requer muita dedicação do professor.</i>
Resposta 32	<i>Sim. É diferente a visão dos alunos sobre o professor, o aluno da rede particular muitas vezes nos enxerga como empregados a seu serviço. Mas é muito semelhante a questão de que a indisciplina está ligada a defasagens nas relações familiares.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Os entrevistados responderam que os níveis mais difíceis de trabalhar são o fundamental (35%) e o médio (29%) – Tabela 6. Os motivos são que alunos nessa faixa etária estão passando

por mudanças hormonais e questionam tudo ou porque precisam desenvolver atividades mais interativas com eles (Quadro 2).

TABELA 6 – Pensando nas relações de poder em sala de aula, em sua opinião, qual dos níveis de ensino é mais difícil de trabalhar e por quê?

Opção	Fundamental	Médio	Técnico	Superior	N/A	
%	35%	29%	5%	15%	16%	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

QUADRO 2 – Respostas 5, 25 e 15

Número	Trecho da resposta
Resposta 5	<i>maturidade dos alunos e questões hormonais, assim como maior facilidade de serem influenciáveis. (Ensino Fundamental).</i>
Resposta 25	<i>Fundamental. Principalmente séries iniciais. Não diria difícil, mas sim trabalhoso pelo fato de interagir e mediar com mais intensidade. Planejar com materiais concretos, trabalhar com projetos ao invés de livro. (Ensino Fundamental).</i>
Resposta 15	<i>Ensino médio, devido ser uma fase de conflitos emocionais e querer ser donos da razão, sentem injustiçados em qualquer situação. (Ensino Médio).</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

86% dos professores que atuam em sala de aula já perceberam indisciplina por parte dos alunos e 74% disseram que o comportamento está diferente de dez anos atrás. De acordo com a resposta, a falta de participação da família – que deixa toda responsabilidade da educação para

a escola – e a tecnologia influenciaram nessa mudança. Assim como a falta de reconhecimento da autoridade do professor, a desvalorização da profissão e o despreparo para atuar em sala de aula (Quadro 3).

QUADRO 3 – Respostas 3, 12, 28 e 40

Número	Trecho da resposta
Resposta 3	<i>A indisciplina aumentou muito nos últimos 15 anos, a ponto de ficar insuportável e de deixar inúmeros profissionais de atestado médico psicológico. O principal problema é a falta de orientação da família. Ela não acompanha mais os filhos e acha que essa responsabilidade é do professor.</i>
Resposta 12	<i>Respostas ofensivas ao professor, quando contrariados querem discutir, tive alunos que rasgaram provas, jogaram cadeiras no chão.</i>
Resposta 28	<i>Sim. Vi que os alunos veem o professor como alguém que deve servir o tempo inteiro e dar as respostas prontas e não fazê-los pensar. A indisciplina vem também quando os alunos não entendem a autoridade do professor, ou ao menos tem respeito pelo mesmo.</i>
Resposta 40	<i>Nos primeiros anos tive que aprender a ser professora com os erros do dia a dia. Decisões difíceis que devem ser tomadas em situações muito adversas. Nem sempre a solução era a devidamente correta. Fui desacatada na rede pública, por diversas vezes, por alunos, que carregavam sérios problemas como doença na família, pais no sistema prisional, falta de estrutura residencial, destrato por parte de familiares. Demorei a perceber que eu ou a minha disciplina (Matemática) não eram os problemas da vida dos alunos. Havia situações de risco para a vida deles e a escola, acredito, era o lugar de extravasar, não de receber atividades ou trabalhos.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

TABELA 7 – Em sua opinião, o comportamento indisciplinar da atualidade é diferente de dez anos atrás? Por quê?

Opção	Frequência	%
Sim	37	74%
Não	9	18%
N/A	4	8%
	50	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

QUADRO 4 – Respostas 6, 13, 14 e 40

Número	Trecho da resposta
Resposta 6	<i>Tem havido uma maior resistência em reconhecer o papel do professor como mediador do conhecimento, parecendo que a percepção seria de que ele dificulta alcançar os objetivos almeçados, o que provavelmente está relacionado a querer que as demandas coletivas se adequem as questões pessoais.</i>
Resposta 13	<i>os pais são mais permissíveis e delegam a escola a responsabilidade.</i>
Resposta 14	<i>Acredito que hoje a tecnologia contribui muito para a indisciplina. Falta de limites. Pais cada vez mais ocupados com tudo, menos com a educação dos filhos.</i>
Resposta 40	<i>Sim. Há dez anos, não havia o celular com internet tão presente na vida de TODOS os alunos. O respeito era maior, pois a alunos não tinham à mão tantas informações sobre tantos assuntos, instantaneamente. O sistema de gestão também protegia mais os profissionais da escola. Não verifica-se muito nos dias de hoje. Acredito que estamos mais vulneráveis do que há dez anos.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Sobre fatores culturais, sociais e políticos que possam ter contribuído para essa mudança, para aqueles que viram nos últimos dez anos, as palavras mais citadas estão em des-

taque na nuvem de palavras: família, familiares, jovens, filhos, informação, liberdade, desemprego, educação, entre outras. Em seguida, os professores deviam responder se viam outros fatores

que influenciam nessa mudança e se destacam: autoridade e outros. desvalorização, educação, diálogo, desrespeito,

Figura 1 – Fatores sociais, culturais e políticos que influenciaram na relação de poder professor/aluno



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

QUADRO 5 – Respostas 2, 9, 20, 21, 27, 28, 35 e 43

Número	Trecho da resposta
Resposta 2	<i>Acho que excesso de informações sem qualidade, alta exposição nas redes sociais, falta de tempo dos pais com os filhos, filhos sendo criados por pessoas com muitos conflitos familiares, a cultura de ostentação onde o que se apresenta vale mais do que o que se é realmente... e muitas outras coisas...</i>
Resposta 9	<i>Os professores da rede pública estão acuados pela violência que invade a sala de aula, e não sentem que o Poder público pode protegê-los ali ou na rua. Os da rede privada estão acuados pela direção de suas escolas, que priorizam mensalidades, e tudo fazem para não desagradar os pais. Os pais, por sua vez, esperam que a escola eduque seus filhos, mas sua vaidade os impede de admitir que eles mesmos ou suas crias estejam errados.</i>
Resposta 20	<i>A família delega a educação a escola e agora às redes sociais e aos jogos eletrônicos; ao próprio sistema educacional que não cobra disciplina e responsabilidade sobre a própria aprendizagem; e as políticas públicas que são quase nulas no que diz respeito à oferta de lazer, esporte e saúde de qualidades.</i>
Resposta 21	<i>Os fatores sociais são os principais na minha opinião. Como falei anteriormente, a família perdeu o controle de educar seus filhos, delegando essa tarefa para a escola e a TV. Sendo que está última entra nas casas da maioria das famílias (pobres e ricos) sem nenhum critério de controle. Passam assim a ditar os valores que as novelas, filmes, desenhos animados, reality shows passam (consumismo, maturidade precoce...).</i>
Resposta 27	<i>Desemprego e relações familiares.</i>
Resposta 28	<i>Acho que independentemente de fatores externos, sempre houve indisciplina, mas o que mais alterou foi a cultura da tecnologia, tanto por parte dos alunos, quanto dos professores. A tecnologia pode ser uma ferramenta boa ou ruim, de acordo com seus usos.</i>
Resposta 35	<i>Falta de educação, que vem do âmbito familiar, a pseudo liberdade que é imputada na mídia e nas redes sociais, que pode fazer o que quiser e, se for contrário, torna-se um "fóbico" qualquer.</i>
Resposta 43	<i>Acredito o social como mais importante quando a mulher partiu para o mercado de trabalho. Isto desagregou o núcleo familiar.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Figura 2 – Outros fatores que possam ter influenciado na relação professor/aluno



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

QUADRO 6 – Respostas 1, 7, 8, 23, 38, 43 e 49

Número	Trecho da resposta
Resposta 1	<i>Acesso a informação facilitado por conta das novas tecnologias.</i>
Resposta 7	<i>Professor não dominar o conteúdo, não saber como conter a indisciplina.</i>
Resposta 8	<i>A falta de reconhecimento dos profissionais da escola e consciência de classe que carece nos alunos em geral, produzindo desacatos e desrespeitos porque alguns tipos de alunos não se enxergam como um semelhante dos demais: trabalhadores e colegas.</i>
Resposta 23	<i>dispositivos móveis, faz com que a participação de alunos na sala de aula se diminui bastante.</i>
Resposta 38	<i>O aluno achar que tem poder sobre o professor.</i>
Resposta 43	<i>O professor do passado era tratado como um conhecedor, e tinha quer ser mesmo, estudando lendo e etc..., com o advento da Internet todos se julgam conhecedores.</i>
Resposta 49	<i>Desvalorização da carreira, que leva ao desrespeito; falta de estrutura e consciência familiar no processo e falta de limites por partes dos professores e alunos e um ambiente escolar voltado para a aprendizagem e convívio. Pontuo ainda o quadro político que passa o Brasil, que certamente afeta o convívio, principalmente em uma sociedade que não foi preparada para conviver com as diferenças sociais, religiosas, políticas etc.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Os participantes responderam ainda sobre como acreditam que deva ser o exercício de poder em sala de aula. Os termos em destaque na nuvem de *tags*, foram autoridade, respeito, poder, conhecimento, educação e aprendizagem

denotam que o exercício de poder deve ser com respeito pelo saber do professor e pelo papel do mesmo (Figura 3).

Figura 3 – Como deve ser o exercício de poder em sala de aula



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

QUADRO 7 – Respostas 3, 16, 32 e 34

Número	Trecho da resposta
Resposta 3	<i>Acredito muito no modelo de escolas militares.</i>
Resposta 16	<i>Respeitosa, sem ultrapassar os limites tais quais variam de turma para turma. Professor transmite conhecimento e educação, não deve impor nada.</i>
Resposta 32	<i>Por meio da negociação, educação e cordialidade. Os jovens são inteligentes e quando percebem que o professor está "forçando uma autoridade rígida", eles não cooperam. Fora que o exemplo sempre será a melhor forma de educar.</i>
Resposta 34	<i>Autoridade e não autoritarismo, com diálogo e respeito mútuo.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Por ensino democrático em sala de aula novamente o respeito se destaca, além das palavras participação, conhecimento, diálogo, ideia, conteúdo, entre outras. E a última pergunta é sobre

o entendimento do professor do que é relação de poder entre professor e aluno. Alguns professores aparentam não gostar da palavra 'poder' e preferiram se remeter a autoridade.

Figura 4 – Entendimento sobre ensino democrático



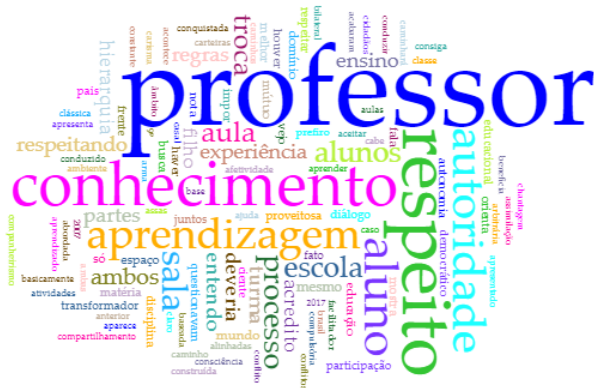
Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

QUADRO 8 – Respostas 3, 24, 36, 41 e 50

Número	Trecho da resposta
Resposta 3	<i>Não funciona. O professor tem obrigação de ensinar o conteúdo e o aluno, a obrigação de absorver. Se deixar pela vontade dos alunos ou se pedir a opinião deles, eles só querem ficar de braços cruzados, ouvindo música no fone de ouvido, fazendo baderna, e sem fazer atividades propostas depois da explicação do conteúdo.</i>
Resposta 24	<i>Um ensino não que perceba as diferentes formas de aprendizagem do aluno e oportuni-ze que cada um vivencie o conteúdo de acordo com sua melhor forma de aprendizagem (alguns são mais da experiência prática, outros da teoria, etc)</i>
Resposta 36	<i>É algo que não funciona. Sem respeito, o aluno usa sua voz para agredir, não para participar da construção do conhecimento.</i>
Resposta 41	<i>Onde todos perguntam e respondem. Onde todos A aprendem com todos. Onde há cum- plicidade, respeito e afeto.</i>
Resposta 50	<i>Quando existe a participação de todos e o respeito as ideias e diversidade.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Figura 5 – Entendimento sobre relações de poder entre professor e aluno em sala de aula



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

QUADRO 9 – Respostas 21, 42, 9, 18 e 36

Número	Trecho da resposta
Resposta 21	<i>O professor deve ser um facilitador no processo de aprendizagem.</i>
Resposta 42	<i>São as relações que irão determinar como o processo de ensino-aprendizagem será con- duzido.</i>
Resposta 9	<i>na relação de interdependência, uma busca por harmonia, uma parceria e uma troca, onde o professor se beneficia do frescor de cada turma, e a turma ganha com a experiên- cia do professor. Fundamentalmente, é uma relação de respeito mútuo.</i>
Resposta 18	<i>O professor por ter um conhecimento e domínio da matéria deveria dar assas aos seus alunos a poder imaginar melhor cada dúvida dentro daquela matéria abordada.</i>
Resposta 36	<i>Não deve haver poder, e sim educação e respeito. Esses dias vi uma tirinha nas redes sociais onde mostrava um casal com seu filho em 2007.. A criança havia tirado uma nota ruim na prova. Os pais questionavam o filho pela nota. Em 2017 os pais questionavam o professor.</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Considerações finais

De acordo com os estudos realizados e a análise do questionário, ficou evidente que mudanças ocorreram ao longo de 10 anos, se ainda não for possível afirmar mais, tendo em vista que um dos questionários respondidos, dizia que a mudança pode ser notada ao longo de 15 anos.

O acesso à informação por meio da internet e das redes sociais, a mudança estrutural nas famílias e questões relacionadas ao trabalho, como o desemprego, puderam ser observados claramente nas respostas dos questionários. Não quer dizer que a tecnologia ou a ascensão da mulher ao mercado de trabalho, por exemplo, são vilões dessa nova realidade. Parece, na verdade, que a gestão escolar anda em um ritmo, o professor em outro e ambos não conseguem acompanhar as mudanças sociais.

Muito citado na pesquisa, o jovem/adolescente atual tem mais liberdade e autonomia e falta de respeito decorrente do descrédito no professor ou em si mesmo quando é de ensino público ou entende que o docente é seu funcionário e ele está lá para fazê-lo passar no vestibular ou conseguir um diploma.

Assim, fatores como desvalorização profissional e do papel do professor, falta de preparo para estar em sala de aula e, por consequência, indisciplinas que chegam à violência, foram apontados. Temas esses abordados sucintamente para construir esse artigo e que também foram identificados, além de outros, na entrevista na Globo News com a socióloga Miriam Abramovay e com a doutora em Educação Neide Noffs.⁸

Destaca-se ainda que houve dificuldade perceptível de lidar com o termo 'poder' e suas relações. Alguns participantes preferiram não usar 'poder' e trocaram por 'autoridade,' por exemplo. Mas, é importante ressaltar que as relações de poder estão presentes em todos os ambientes

sociais, assim, na sala de aula, há exercício de poder que pode ser representado pela autoridade do professor sim, mas por meio do discurso, das relações interpessoais. Em algumas respostas ficou claro, ainda, que o aluno está empoderado e isso prejudica o controle do professor quando não gera problemas mais graves.

De modo geral, palavras como respeito, diálogo, participação, amizade, direito, conhecimento, hierarquia, autoridade, relações de confiança, entre outros, ao longo dessa pesquisa, denotam que o professor não quer mais se comportar como um ditador, mas deseja que o conhecimento, assim como seu trabalho, sejam valorizados pelas instituições, pelas famílias e pelos alunos.

As relações de poder entre professor e aluno é um tema atual e os conflitos práticos são observados constantemente na grande mídia em vários estados do país. Prova disso, são novos fatos de professores solicitando afastamento por problemas psicológicos, em março de 2019, conforme os portais de notícias *O Globo*⁹ (nacional) e *A Gazeta*¹⁰ (local/ES).

De acordo com o que foi apontado nesse trabalho, as análises parecem sugerir para uma reforma educacional que atualize o sistema escolar e a valorização do conhecimento, bem como do profissional de Educação. A pesquisa realizada ainda pode ser ampliada e avaliada de outras maneiras colaborando para tentar entender os cenários atuais e contribuir na geração de respostas práticas e aplicáveis na educação brasileira.

Agradecimentos

O presente artigo foi redigido por ambas as autoras, mas, também, é uma homenagem e agradecimento a uma delas, Maria Odette de Pauli Bettega, que faleceu em 2021 e deixou ensinamentos e contribuições valiosas para a área.

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-10/video/especialistas-discutem-sobre-violencia-nas-escolas-7166330.ghtml>. Acesso em: 28 nov. 2018.

⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/a-cada-tres-horas-um-professor-da-rede-municipal-pede-licenca-por-problemas-psicologicos-23512126>. Acesso em: 1 abr. 2019.

¹⁰ Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/gv/professores-afastados-por-licenca-violencia-entre-as-queixas-mais-comuns-0319>. Acesso em: 1 abr. 2019.

Referências

ARENDRT, Hannah. O Espaço da aparência e o Poder. In: ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 211-219.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 29-50.

BETCHER, Cleber Nazário. A Indisciplina Escolar. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, [S. l.], ano 3, v. 2, n. 3, p. 60-70, mar. 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/a-indisciplina-escolar>. Acesso em: 15 jul. 2018.

BÖHM, Thais. Violência nas escolas não é caso de polícia, afirmam especialistas. In: **Senado Notícias**. [S. l.], 17 out. 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/violencia-nas-escolas-nao-e-caso-de-policia-afirmam-especialistas/violencia-nas-escolas-nao-e-caso-de-policia-afirmam-especialistas>. Acesso em: 23 out. 2018.

BRASIL, Emanuelle. Especialistas alertam para aumento da violência nas escolas públicas. In: **Agência Câmara Federal**. [S. l.], 23 nov. 2017. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/educacao-e-cultura/549652-especialistas-alertam-para-aumento-da-violencia-nas-escolas-publicas.html>. Acesso em: 23 out. 2018.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**: Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 255-287.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

CORTELLA, Mario Sérgio. Conhecimento Escolar: Epistemologia e Política. In: CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 129-153.

DESAFIOS futuros. 2010. 1 vídeo (2 min 23 s). Publicado pelo canal SINPROSP. Disponível em: <https://youtu.be/bERxLjM7Gol>. Acesso em: 11 out. 2018.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2012. -

FOUCAULT, Michel. Genealogia e poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. p. 262-277.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. História da violência nas prisões. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FURLANI, Lúcia M. Teixeira. **Autoridade do professor**: Meta, mito ou nada disso? 8. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ESPECIALISTAS discutem violência nas escolas. 2018. 1 vídeo (21 min 48 s) Publicado pelo site GloboNews. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/v/especialistas-discutem-sobre-violencia-nas-escolas/7166330/>. Acesso em: 28 nov. 2018.

HOY, Wayne K. MISKEL, Cecil G. **Administração Educacional**. Teoria, pesquisa e prática. 9. ed. São Paulo: Penso, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2003.

PATAH, Rodrigo. O boom dos smartphones e seu impacto no comportamento do consumidor. In: **Mind Miners**. [S. l.], 23 fev. 2018. Disponível em: <https://mindminers.com/consumo/pesquisa-mobile>. Acesso em: 24 out. 2018.

PAULO, Thais Sarmanho. ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **Violência e Escola**: Escuta de professores e análise das práticas profissionais, de orientação psicanalítica. Brasília: Liber, 2015. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002454/245436POR.pdf>. Acesso em: 23 out. 2018.

PNAD Continua: taxa de desocupação é de 12,7% e taxa de subutilização é de 25,0% no trimestre encerrado em março de 2019. In: **Agência IBGE Notícias**. [S. l.], 30 abr. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24284-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-12-7-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-25-0-no-trimestre-encerrado-em-marco-de-2019>. Acesso em: 12 jun. 2019.

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e. Cultura Escolar, Autoridade, Hierarquia e Participação: Alguns Elementos Para Reflexão. Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista. Rio Claro. **Cadernos de Pesquisa**, [S. l.], n. 112, P.125 – 135 maio.2001. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/27296/S0100-15742001000100006.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 set. 2018.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe. HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales**, [S. l.], n. 2, out. 2012. Disponível em: http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher-mercado-de-trabalho-e-as-configuracao%3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.pdf. Acesso em: 23 out. 2018.

TENENTE, Luisa. FAJARDO, Vanessa. Brasil é #1 no ranking da violência contra professores: entenda os dados e o que se sabe sobre o tema. In: **G1**. [S. l.], 22 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-e-1-no-ranking-da-violencia-contra-professores-entenda-os-dados-e-o-que-se-sabe-sobre-o-tema.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2018.

THIMOTEO, Thais. Geração nem lá, nem cá. Fundação Getúlio Vargas (FGV). **Revista Conjuntura Econômica**, [S. l.], v. 67, n. 9, 2013. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rce/article/view/21249/19997>. Acesso em: 23 out. 2018.

TOFFLER, Alvin. A Era do Powershift. In: TOFFLER, Alvin. **Powershift**. As mudanças do poder. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998. p. 27-28.

UNESCO. Violências nas Escolas. In: **Unesco**. [S. l.], 2017. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/about-this-office/unesco-resources-in-brazil/studies-and-evaluations/violence/violence-in-schools>. Acesso em: 24 de outubro de 2018.

Stéphane Figueiredo Ferreira

Mestre em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em Vitória, ES, Brasil; especialista em Pedagogia: gestão e docência pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR EAD), em Curitiba, PR, Brasil; especialista em Marketing pela Universidade de Vila Velha (UVV), em Vila Velha, ES, Brasil. Pesquisadora voluntária no Grupo de Estudos em Comunicação Cultura e Discurso (Grudi) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Maria Odette de Pauli Bettega

Foi Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, PR, Brasil; especialista em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), em Belo Horizonte, MG, Brasil, especialista em Educação a Distância pela Universidade de Brasília (UnB), Distrito Federal. Foi professora na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), SENAC/PR e Escola de Magistratura, Núcleo de Curitiba, Brasil.

Endereço para correspondência

Stéphane Figueiredo Ferreira
Universidade Federal do Espírito Santo
Grupo de Estudos em Comunicação Cultura e Discurso
Departamento do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades
Av. Fernando Ferrari, 845
Goiabeiras, 29075-910
Vitória, ES, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da(s) autora(s) antes da publicação.